

APRESENTAÇÃO

PABLO QUINTERO¹

EDITOR

<http://orcid.org/0000-0003-4111-9895>

Um novo número da revista *Espaço Ameríndio* vem à luz, desta vez com o extraordinário dossiê *Caminhos metodológicos de pesquisa (com) indígenas*, organizado pelas professoras Maria Aparecida Bergamaschi (UFRGS), Ana Luísa Texeira de Menezes (UNISC) e Magali Mendes de Menezes, que, além de serem importantes pesquisadoras, são detentoras de uma longa trajetória acadêmica e política. Das mãos das organizadoras foram selecionados quatorze textos – a grande maioria deles conta com autoria ou coautoria indígena – que refletem sobre os processos e procedimentos de pesquisa de e com povos indígenas, processos estes que não remetem simplesmente à análise de “técnicas” de pesquisa, senão, que, ao contrário, se interessam pelas dimensões epistemológicas e políticas mais amplas que estão implicadas, necessariamente, em toda experiência de trabalho em contextos e relações interculturais. Leitoras/es puderam encontrar, tanto no texto de abertura das organizadoras quanto em cada um dos artigos subsequentes, relatos de experiências de pesquisa, trajetórias de grupos e pesquisadores indígenas e dinâmicas interculturais de diversos tipos em quase todas as regiões do Brasil (além de incluírem, também, a Colômbia e os Andes). Em comum, todos os textos efetuam problematizações e sistematizações de questões vitais para o estado atual do saber sobre estas áreas.

Bem conhecidas tanto nos espaços acadêmicos quanto nos diversos contextos indígenas do Estado do Rio Grande do Sul e de toda região Sul, as organizadoras do dossiê são três das mais destacadas intelectuais e ativistas pelos direitos e reivindicações indígenas e têm desenvolvido um considerável volume de cuidadosos trabalhos, sobretudo na área da educação indígena, mas, incluindo, também, a área da filosofia intercultural. Fundadoras e coordenadoras do grupo de pesquisa Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade (do CNPq) e envolvidas

¹ Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, e Coordenador do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). Bolsista de produtividade em pesquisa 2 (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). E-mail: pablo.quintero@ufrgs.br

diretamente com estas lutas, elas são responsáveis diretas por significativos avanços nas políticas interculturais tanto da Faculdade de Educação como de toda a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Particularmente, convém salientar que o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, graças à Maria Aparecida Bergamaschi e à Magali Mendes de Menezes, tem sido uma verdadeira ponta de lança das ações afirmativas na universidade. Neste sentido, o PPGEDU é o programa de pós-graduação com mais egressos indígenas tanto de doutorado quanto de mestrado, seguido pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Sem dúvida, esse é um dossiê que honra bastante a nossa revista e que será um material de referência por muitos anos!

* * *

Para além do dossiê, este número da revista está composto também por cinco artigos e um ensaio bibliográfico.

A seção de artigos tem início com o texto *Povos indígenas em Manaus/AM e o desenvolvimento de políticas públicas da Educação Escolar Indígena*, de Manoel Inácio de Oliveira, que explora as migrações e deslocamentos das populações indígenas do Amazonas para a capital do Estado, e o processo de desenvolvimento das políticas públicas em Manaus que atendem à constituição e continuidade da Educação Escolar Indígena (EEI). O autor revela a importância do movimento indígena estadual tanto para o surgimento destas políticas quanto para sua continuidade.

O segundo trabalho da seção, de Pedro Marco Gonçalves e Helena Cunha de Uzeda, intitulado *Fruição e possibilidade no Palácio-Floresta: o olhar museológico e a presença indígena na Escola de Artes visuais do Parque Lage*, analisa os desdobramentos gerados pela exposição de arte indígena, inaugurada em julho de 2023, no mencionado museu, e as consequências gerais, para o mundo museológico e para a arte em geral, da presença da arte e das formas de expressividade indígenas nestes espaços.

Na sequência, o artigo *Trajetórias de vida do povo Pankará: reafirmações da identidade étnica no sertão pernambucano*, de autoria de Edivânia Granja da Silva Oliveira, Roberto Remígio Florêncio e Carlos Alberto Batista do Santos, estuda os recentes processos de afirmação da etnicidade Pankará na Serra do Arapuá através da história oral das principais lideranças indígenas na região. O texto aproveita para explorar as relações e continuidades entre os dispositivos mnemotécnicos e a construção da paisagem e do território Pankará.

Escrito por Duvan Escobar, o quarto trabalho incluído na seção de artigos, denominado *Paisagens multiespécie: caça, trilhas e movimento nos Xikrin do Bacajá*, analisa a constituição do território e

da territorialidade do povo indígena amazônico através das práticas semióticas e materiais de circulação, mobilidade e nomeação do seu espaço vital por parte do grupo. É uma interessante contribuição à etnologia indígena e à antropologia ecológica.

Encerrando a seção de artigos, o trabalho intitulado *Transformação dos espaços agrícolas e deslocamentos entre espaços: fenômenos de movimento como tecnologia agrícola na Amazônia indígena*, de Larissa Mattos da Fonseca, realiza uma importante contribuição pra redimensionar o entendimento da noção de “agricultura”, focando nos processos inter-relacionados de transformação de espaços agrícolas e deslocamentos (humanos e vegetais) entre estes espaços. A autora demonstra como um conjunto diverso e cotidiano de práticas socioambientais devem ser consideradas como atividades agrícolas. Para tal fim, e valendo-se de um importante número de etnografias amazônicas, a autora propõe o epítome “Agricultura Indígena Amazônica” para caracterizar tais práticas.

Para finalizar este número da revista, encontra-se *Antropofagias metodológicas: reflexões entre Brasis e Índias*, um ensaio bibliográfico de Pedro Henrique Azalim Cunha no qual este autor realiza uma reflexão original tentando comparar os povos nativos do Brasil e da Índia e suas relações com as sociedades envolventes.

* * *

Como de costume, gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que tornaram possível este número da Espaço Ameríndio. Primeiramente, nosso agradecimento às professoras Maria Aparecida Bergamaschi, Ana Luísa Teixeira de Menezes e Magali Mendes de Menezes pela organização do excelente dossiê! Também somos gratos a todas/os as/os autoras/es que submeteram seus artigos tanto para o dossiê quanto para as demais seções da revista. Como em cada um dos nossos números, estamos em dívida com as/os pareceristas que investiram parte do seu valioso tempo para avaliar os textos recebidos pela revista! Finalmente, mas não menos importante, agradecemos à equipe que viabilizou esta edição possível: Guilherme Sant’Ana, que encerrou um ciclo de cinco anos como bolsista da Espaço Ameríndio, se destacando sempre pela sua dedicação e excelentíssimo trabalho editorial, e Natacha Rodrigues Portal, nova bolsista que não apenas coordenou este número da Espaço Ameríndio como realizou um trabalho editorial impecável! Agradecemos, também, à Ana Luísa Texeira de Menezes por gentilmente ceder a imagem da sua pintura intitulada “Cura xamânica”, que ilustra a capa deste número.

Desejamos a todas/os uma proveitosa leitura deste novo número da *Espaço Ameríndio*, e, mais uma vez, somamos nossa publicação à exigência pela *demarcação já* das Terras Indígenas do Brasil e pela libertação da Palestina: do rio até o mar!